

Pastoreando a cidade e lidando com uma cultura hostil — Entrevista com Timothy Keller



Sofia Lee, repórter sênior da WORLD Magazine, entrevistou Tim Keller recentemente, que falou sobre sua conversão a Cristo, como aprendeu a amar a cidade e avaliou como a Igreja está respondendo às pressões das mudanças culturais.

Timothy Keller dispensa muita apresentação. Pastor fundador da Redeemer Presbyterian Church em Nova York, cofundador da Gospel Coalition e autor de vários livros, incluindo *A fé na era do ceticismo*, bestseller do *New York Times*, Keller tem estado ocupado e tímido com a mídia. Quando perguntei a Marvin Olasky se ele poderia me colocar em contato com Keller para uma entrevista, ele respondeu: “Consigo preparar isso com a mesma facilidade com que consigo preparar uma entrevista com Vladimir Putin”. Não consegui marcar uma entrevista com Putin (ainda), mas, mesmo em meio a sessões de quimioterapia (Keller tem câncer de pâncreas em estágio 4) e outros projetos, Keller encontrou tempo para me enviar uma resposta escrita de 25 páginas às minhas perguntas.

Você foi criado como cristão nominal. Como era sua ideia de cristianismo quando criança?

Fui batizado e criado em uma igreja luterana liberal (na época, a denominação era a Igreja Luterana na América, agora parte da Igreja Evangélica Luterana muito liberal na América). A ideia básica que recebi dessa igreja tradicional sobre ser cristão foi: “Seja uma boa pessoa e vá à igreja”.

Dos 13 aos 14 anos, passei por dois anos de aulas de confirmação antes de entrar para a igreja. Certo ano, a aula foi ministrada por um jovem ministro recém-formado em um seminário liberal. Ele apenas falava sobre como o movimento dos direitos civis foi importante. Nunca falava sobre doutrina.

E o segundo ano?

Um ministro aposentado lecionou para mim. Essa foi a primeira vez que eu realmente tive contato com a ideia de que a salvação não é algo que conquistamos, mas um dom gratuito da graça recebido pela fé. Ele estava explicando o evangelho para mim, mas isso não combinava com nada que eu havia aprendido naquela igreja luterana enquanto eu crescia, nem ouvi nada parecido com isso novamente naquele lugar. Então eu basicamente esqueci o assunto. Continuei a ouvir e acreditar que ser cristão significava simplesmente se esforçar para ser uma pessoa boa e prestativa. Não importava realmente o que você acreditava ou mesmo se você ia à igreja.

Alguma coisa disso tudo ficou com você?

Nenhum desses ministros me impressionou muito. Ninguém me transformou em liberal ou conservador ou me persuadiu em qualquer direção política. Eu não estava nem confuso com eles nem particularmente convencido por eles. Eu não era um cara focado em ações sociais nem era particularmente religioso. Meu cristianismo era muito superficial — era um verniz de “bondade”.

Quando você pensou em entrar no ministério?

Apenas alguns anos antes de eu ir para a faculdade, meus pais deixaram nossa igreja luterana e começaram a frequentar uma congregação evangélica conservadora. Essa igreja, ao contrário da luterana, era muito conservadora e falava sobre

“nascer de novo”. Essa foi a primeira vez que eu ouvi algo a respeito disso. Mas olhando em retrospecto, eu ainda não entendia o evangelho. Em vez disso, eu pensava que ser cristão acontecia quando você “se rendia”, “vinha até a frente” e “entregava sua vida a Cristo”. Isso significava, para mim, tentar ainda mais viver como Jesus do que os luteranos. Então eu “entreguei minha vida a Cristo” (várias vezes em reuniões de jovens).

Mas isso só me levou a me sentir espiritualmente superior aos outros de uma maneira que não havia sentido como luterano. Eu estava mais perto da verdade (agora entendendo que os cristãos tinham que viver uma vida santa e se render completamente a Cristo), mas também mais longe da verdade do evangelho porque eu era mais justo. Não surpreende que comecei a pensar em entrar no ministério. Olhando para trás, posso ver que isso partiu do meu orgulho. E sou grato a Deus por não ter permitido que eu me tornasse mais um ministro ordenado não convertido.

Você teve uma conversão genuína como estudante universitário na Bucknell University. Como você chegou à fé?

Durante meu primeiro ano na Bucknell University, longe de casa e de qualquer igreja, comecei a ter sérias dúvidas sobre a fé e passei por uma crise de identidade: eu estava confuso sobre quem eu era e se isso se encaixava com o fato de ser cristão. Mas um estudante cristão que morava no andar do meu dormitório gentilmente começou a me incomodar para ir com ele à InterVarsity Christian Fellowship.

Para resumir, ler C. S. Lewis sobre o tema do orgulho me ajudou finalmente a entender a profundidade do meu pecado. Não se tratava simplesmente de uma questão de comportamento errado, mas de algo profundamente errado com meu coração, identidade e perspectiva e, acima de tudo, de alienação com Deus. Por baixo de toda a religiosidade, vi que na verdade eu era hostil a Deus. Pela primeira vez, reconheci a necessidade de salvação por pura graça. Em algum momento durante meu segundo ano eu transferi para Cristo a confiança que eu tinha em mim mesmo e encontrei a verdadeira fé.

Antes da Redeemer, você pastoreou uma igreja de uma cidade pequena na Virgínia por nove anos. Como foi isso?

Meus primeiros anos foram desafiadores, assim como acontece no ministério de todo novo pastor. Tive que aprender cometendo erros, como todo mundo. Meus

sermões eram muito longos, minhas abordagens pastorais para algumas pessoas não funcionavam — às vezes eu era muito direto e às vezes não suficientemente diretivo. Comecei novos programas que ninguém realmente queria. Contudo, tendo em vista que a congregação foi tão solidária e amorosa, pude cometer esses erros sem que ninguém me atacasse por eles.

Mais importante, estar em uma igreja com pessoas de colarinho azul me ensinou a ser claro e prático na pregação. Um dos maiores elogios que já recebi foi quando alguém na congregação me agradeceu por eu “não ser intelectual” e, portanto, ser compreensível. Eu também aprendi a não construir um ministério baseado em carisma de liderança (coisa que eu não tinha de qualquer maneira!) ou habilidade de pregação (algo que não existia muito no início), mas em amar as pessoas pastoralmente e me arrepender quando eu estava errado. Em uma cidade pequena, as pessoas o seguirão se confiarem em você — em seu caráter — essa confiança deve ser construída em relacionamentos pessoais, não exibindo suas credenciais e seus talentos.

Como essa experiência afetou seus últimos anos de pastoreio de uma igreja urbana?

Em Hopewell, as pessoas estavam dispostas a ouvir meus sermões porque tinham experimentado meu amor e preocupação por elas. Em Manhattan, as pessoas só me procuravam com suas perguntas e se abriam sobre suas vidas quando estavam convencidas pelos sermões de que eu não era um golpista, um maluco, e porque eu tinha algum nível de QI!

Como você ganhou a confiança dos moradores seculares de Manhattan?

Sabíamos que nunca ganharíamos a confiança deles sem seus colegas. Ou seja, não distribuímos panfletos ou fizemos qualquer propaganda. Nos primeiros anos (antes de meus livros me tornarem uma pessoa mais pública), a única maneira de alguém saber sobre a Redeemer era porque um amigo a trouxera à igreja. Os primeiros anos foram intensos; as conversões aconteciam com tanta frequência que não conseguíamos acompanhá-las.

A Redeemer também é rotulada como sendo uma igreja para jovens profissionais, mas essa nunca foi minha intenção. Estábamos tentando alcançar as pessoas

mais não alcançadas em Nova York, aquelas que tinham menos acesso a uma igreja que crê na Bíblia. Isso significava que deveríamos estar no centro da cidade, em Manhattan. A demografia da igreja era apenas a demografia daquela área.

Antes de você e sua família se mudarem para Manhattan para plantar a Redeemer, o que passava por seus pensamentos e emoções?

Minha esposa inicialmente se opôs à vinda para Nova York principalmente por causa de nossos filhos. Não tínhamos certeza de como eles se sairiam em novas escolas, novos bairros. No final das contas, esse era o melhor lugar onde poderíamos ter criado nossos filhos. (Eles vão te dizer isso.) Eles viram o pai fazer algo assustador (eu não escondi isso), e eles também viram jovens bem-sucedidos que eles admiravam chegarem à fé. Também nos preocupávamos com o custo de morar lá, e estávamos certos — não tínhamos um salário suficiente no primeiro ano —, e com a dificuldade de nos adaptarmos a uma vida tão urbana.

É interessante que Kathy não estivesse tão preocupada quanto eu com o simples fracasso do ministério. Ela tinha mais confiança em Deus (e em mim) do que eu, e sempre pensou que seríamos capazes de plantar a igreja. Ela estava mais preocupada com os efeitos da vida em Nova York em nossa família.

O que o surpreendeu enquanto pastoreava em Manhattan?

Descobri que tinha um dom para o evangelismo. Duvido que eu teria descoberto isso se não tivesse vindo a um lugar onde havia muitos não cristãos presentes em todos os cultos da igreja. Minha segunda surpresa, e a maior de todas, foi que as pessoas no centro da cidade de Nova York realmente responderam ao evangelho e muitas se converteram.

O que atraiu esses moradores de Manhattan bem-sucedidos ao evangelho?

Eles viveram toda a sua vida com pais, professores de música, treinadores, professores e chefes dizendo-lhes para fazer o melhor, ser o melhor, se esforçar mais. Na opinião deles, Deus era o mestre de obras supremo, com exigências insatisfeitas. Ouvir que o próprio Deus havia atendido a essas exigências de justiça por meio da vida e morte de Jesus, e que agora não havia mais condenação para quem confiasse nessa justiça foi uma mensagem surpreendentemente libertadora.

Cheguei a ver como a teologia da graça os libertou (e os cristãos também) das idolatrias modernas com as quais os habitantes de Manhattan lutavam.

Como a cidade de Nova York define a cultura para o resto do país e do mundo?

Nos anos 1990, ouvi os nova-iorquinos discutindo e expressando seus pontos de vista sobre gênero e sexualidade de maneiras que agora, muitos anos depois, são predominantes em nível nacional. Gostemos ou não, a cidade é uma referência para a cultura. Alguns podem pensar, portanto, que os cristãos devem ficar longe das cidades, mas quando olhamos para as Escrituras, não podemos negar que Jesus passou de cidade em cidade em seu ministério, ou que Paulo estava disposto a discutir com a intelectualidade cultural nos centros das cidades como Atenas e Éfeso. Na verdade, regressei a Atos 17 várias vezes enquanto estava em Nova York para aprender a interagir fielmente com as pessoas do centro da cidade.

Como os cristãos podem influenciar a cidade de Nova York para o bem?

Comecei a me perguntar: “E se pudesse haver um movimento do evangelho em uma das cidades mais religiosamente hostis e influentes dos Estados Unidos?” Esse era um objetivo. E foi parcialmente realizado. Um grande número de pessoas que se tornaram cristãs estão agora servindo como sal e luz em todos os tipos de lugares que você nunca esperaria encontrar cristãos.

Na época havia outros pastores contemporâneos que pregavam sobre amar e investir na cidade?

Bem, temos que começar apontando que essa questão é um pouco centrada em pessoas brancas. Ou pelo menos é o tipo de pergunta que um profissional de classe média alta faria. As igrejas negras, pardas e asiáticas nunca saíram da cidade. Quando o evangelicalismo branco cresceu muito de 1965 a 1995, ele foi moldado por essa mentalidade de “êxodo branco” e, portanto, tinha um viés muito antiurbano.

No entanto, durante os cinco anos que passei lecionando teologia prática no Westminster Seminary, na Filadélfia, ao lado de Harvie Conn e Manny Ortiz, tive contato com uma série de ministérios e pastores afro-americanos, hispânicos e asiáticos que eram atenciosos, dinâmicos e teologicamente informados. Eles tinham ministérios prósperos em uma época em que as cidades do interior dos

Estados Unidos estavam em péssimas condições. Mas lá estavam eles. Quando Kathy e eu anunciamos que estávamos nos mudando para Nova York, várias pessoas nos disseram que estávamos pecando contra nossos filhos ao levá-los para a cidade, que eles perderiam a fé — e talvez a vida. (Ocorreu o oposto disso.) Mas a visão evangélica branca de que as grandes cidades eram completos “desertos espirituais” estava errada. Então sim, na década de 1980 não havia muitos pastores brancos e de classe média falando sobre amar e investir na cidade.

Alguém mais influenciou seus pontos de vista e abordagem ao ministério da cidade?

A rara voz evangélica branca que me encorajou foi James M. Boice, pastor sênior da Tenth Presbyterian Church na Filadélfia. Ele era um sincero defensor dos cristãos que investiam e viviam intencionalmente na cidade para servi-la. Jim argumentou com base na Bíblia que viver na cidade não era algo que todo cristão tinha que fazer, mas era algo a ser encorajado.

Eu me inspirei nisso e adotei esse raciocínio e ensino quando me mudei para a cidade de Nova York. É interessante notar que Jim nunca recebeu críticas de evangélicos por sua postura, mas hoje há muitas críticas contra as pessoas que incentivam a viver e investir na cidade. Os tempos mudam!

O 11 de setembro abalou Manhattan. Você poderia descrever o que aconteceu da perspectiva de um pastor local? Houve algum tipo de miniavivamento espiritual?

Conhecendo a história dos avivamentos e seus períodos, eu não chamaria isso de avivamento. A Redeemer passou por um desses períodos no início, de 1989 a 1991, em que pode ter havido algumas centenas de pessoas que foram levadas à fé em Cristo. Foi extraordinário.

Quanto ao 11 de setembro, muitas das igrejas da cidade ficaram lotadas por algumas semanas, mas todas voltaram aos níveis normais de frequência muito rapidamente. Ao contrário das outras congregações que eu conheço, a Redeemer cresceu, não voltou ao antigo nível de frequência e até viu várias pessoas se converterem. Tudo isso foi bom, mas não foi realmente um miniavivimento. (Passamos de 3.000 participantes para 5.200 na semana após o 11 de setembro, mas depois o número nunca foi inferior a 3.600 pessoas.)

Você notou alguma outra tendência?

Durante os 10 anos seguintes, muito mais pessoas de fora de Nova York vieram aqui para iniciar novas igrejas do que antes. Nem todos esses missionários bem-intencionados foram eficazes, mas foi um desenvolvimento bem-vindo.

Como eram suas orações naquela época?

Nossas orações foram para (a) proteção contra mais ataques, (b) para que a cidade se recuperasse, (c) para que Deus tivesse misericórdia das pessoas em sofrimento e (d) para que Deus usasse o medo e a crise para levar mais pessoas a ele.

Uma grande parte do seu ministério em Manhattan está alcançando os céticos urbanos e instruídos. Houve desafios em atrair os céticos e ao mesmo tempo discipular cristãos mais maduros na mesma igreja?

De jeito nenhum. Não é apenas possível, mas útil discipular cristãos na presença de não cristãos.

Como? Primeiro, no uso do evangelho. Se você usa o evangelho para resolver os problemas dos cristãos e reordenar os amores de seu coração, então os não cristãos ouvem o evangelho até mesmo enquanto os cristãos estão sendo edificados.

Segundo, no uso da “cosmovisão”. A única maneira pela qual o evangelismo não pode ser feito enquanto estamos discipulando e treinando pessoas é se estivermos falando sobre não cristãos e sobre descrença em termos muito diferentes de quando estamos falando com não cristãos. Se aprendermos a falar sobre a fé cristã não apenas como sendo a cosmovisão “correta” (e ela é!), mas também como a cosmovisão *mais completa* — ou seja, uma cosmovisão que inclui as boas percepções das outras pessoas, mas que também pode explicar e fornecer coisas que as outras cosmovisões não são capazes — então é possível evangelizar os não crentes mesmo quando estivermos mostrando aos cristãos algo sobre como integrar sua fé com sua vida.

Houve desafios para atrair pessoas de outros níveis socioeconômicos e educacionais?

Sim, muitos desafios. Em geral, é muito mais difícil combinar pessoas de diferentes níveis socioeconômicos e educacionais do que combinar pessoas de diferentes raças e nacionalidades.

Mas no caso da Redeemer, nunca quisemos ser uma megaigreja regional na qual os participantes e membros se deslocassem a quilômetros de distância. Eu tinha visto igrejas assim em outras cidades onde apenas uma pequena minoria de membros realmente morava perto da igreja e a grande maioria vinha de longe. Essas igrejas enfrentam enormes problemas tanto na realização do evangelismo quanto do discipulado (assunto que não vou abordar aqui). Assim, trabalhamos duro na Redeemer para nos concentrar quase completamente em quem morava em nossos verdadeiros bairros. No centro de Manhattan, onde a Redeemer estava localizada, quase todas as pessoas eram altamente instruídas. Foi uma decisão acertada, portanto, adaptar nosso ministério ao contexto de profissionais instruídos. Essa era a demografia em que estávamos inseridos. Isso se encaixou na visão de uma igreja que atendia às necessidades dos bairros, em vez de ser uma igreja que atendia às necessidades de consumidores em toda a área metropolitana.

Uma coisa interessante sobre a Redeemer é o grande número de americanos asiáticos atraídos pela igreja. Por que você acha que isso aconteceu?

Ao alcançar os moradores de Manhattan céticos e seculares, acabamos nos deparando principalmente com brancos e asiáticos. Havia um número menor de outros grupos étnicos, mas na Redeemer, de modo geral — assim como nas demais igrejas Redeemer atualmente — os brancos eram uma minoria.

Acho que um grande número de asiáticos veio por várias razões. No início tínhamos uma jovem pianista, Tammy Lum, que é chinesa. Assim, quando alguém vinha à Redeemer notava dois rostos lá na frente para dar as boas-vindas: uma asiática (Tammy) e um branco (eu). De uma maneira pequena, mas significativa, isso fez com que os visitantes asiáticos se sentissem um pouco mais bem recebidos do que se vissem apenas um homem branco na frente.

O que mais?

Os jovens americanos asiáticos eram muitas vezes bastante instruídos e a Redeemer era especialmente preparada para responder a perguntas e objeções ao cristianismo com as quais eles eram confrontados na faculdade e na pós-graduação. Muitos asiáticos também me disseram que a ênfase da Redeemer na graça gratuita de Deus em Cristo era atraente.

Por fim, muitos asiáticos me disseram que, embora não preferissem um ambiente asiático completamente homogêneo, também não queriam ficar completamente isolados de outros asiáticos. A Redeemer tornou-se ideal para eles porque podiam convidar seus amigos asiáticos e não asiáticos.

Você começou a ganhar fama como pastor da Redeemer. Suspeito que você não goste de ser chamado de pastor celebridade, mas o fato é que a maioria dos evangélicos reconhece seu nome. Como você lidou com a fama?

É importante reconhecer que houve uma mudança radical em 2008 depois que saiu meu primeiro livro, *A fé na era do ceticismo*. Foi então que as armadilhas da “fama” começaram a aparecer. Após os cultos aos domingos, visitantes de fora da cidade apareciam e me pediam para autografar um livro ou deixá-los tirar uma foto. Isso nunca tinha acontecido antes. Foi só quando comecei a escrever que comecei a ser *conhecido* por muitas pessoas que não me *conheciam* (minha definição de fama). Isso foi desconfortável tanto para Kathy quanto para mim, que temos a tendência de sermos mais introvertidos e quietos.

A princípio, essa posição de destaque parecia tão irreal para mim que simplesmente a ignorei. Parecia apenas uma ilusão e eu simplesmente não acreditei. O mundo cristão não é tão grande quanto as pessoas gostam de pensar. Mesmo agora, se você perguntasse às primeiras 10 mil pessoas que passaram por você em qualquer calçada de Nova York, é provável que nenhuma delas tenha ouvido meu nome. Mas com o passar do tempo tive que admitir que me tornei um sapo maior em uma lagoa.

Como isso afetou a igreja?

Isso não foi particularmente bom para a Redeemer. Trouxe muitos “turistas” para a igreja que vieram para meus sermões, mas que não faziam parte da congregação. Embora eu esteja feliz por qualquer visitante que possa ter sido desafiado pelo ensino bíblico durante uma visita, isso significava que eu não era capaz de falar com os céticos locais da maneira que originalmente conseguia.

Felizmente, isso não aconteceu comigo até que eu tivesse quase 60 anos. Nessa idade você não entra em conflito com a fama, a não ser pelo fato de achá-la desconfortável e até mesmo hilária. Não recomendo que ninguém seja uma “celebridade”.

A visão estabelecida da Redeemer é “Divulgar o evangelho, primeiro através de nós mesmos e depois através da cidade por meio de palavras, ações e comunidade. Trazer mudanças pessoais, cura social e renovação cultural por meio de um movimento de igrejas e ministérios que mudam a cidade de Nova York e, por meio dela, o mundo”. De que maneira essa missão foi cumprida e de que maneira ela falhou?

Eu diria que a Redeemer foi parcialmente eficaz nisso. Primeiro vamos olhar para a segunda parte da visão: o movimento. Em 1989 (o ano em que a Redeemer começou), menos de 1% dos moradores do centro de Manhattan frequentavam uma igreja evangélica. Em 2019, foram 8%. Em 1989, havia cerca de 100 igrejas evangélicas no centro de Manhattan. Em 2019 havia 308. Nem a Redeemer ou a Redeemer City to City (que trabalha especificamente com plantadores de igrejas) plantaram diretamente todas essas igrejas, mas foi a maior contribuidora para o movimento em Manhattan.

É mais difícil mensurar a primeira parte da visão. Quanto do evangelho “se espalhou através de nós”, isto é, fez com que nós cristãos fôssemos pessoas semelhantes a Cristo? Quanta renovação social e cultural a cidade viu por nossa causa? Eu poderia lhe apresentar páginas e páginas de bons exemplos de ambos os casos que partiram da Redeemer. Mas a Redeemer falhou em relação a essa visão nos termos em que ela é declarada? Claro, como não poderia ter falhado?

Olhando para trás, há algo que você gostaria de ter feito diferente no ministério?

Definitivamente. Sem dúvida, eu deveria ter orado mais.

Muitos cristãos lutam para administrar seu relacionamento com a cultura do mundo. Você vê a cultura do mundo se tornando cada vez mais hostil aos valores cristãos (ou talvez sempre tenha sido hostil)?

Sim, definitivamente, a cultura é mais hostil ao cristianismo: seja na academia, na mídia, governo, negócios, entretenimento popular, artes ou redes sociais — nossa cultura está se tornando mais hostil em relação às crenças e valores cristãos. Não é a mesma coisa como sempre foi antes.

A pergunta “Como você responde a isso?” requer uma resposta que leva uma semana ou então requer algumas frases simples. Opto pelas frases: Primeiro, arrependa-se das maneiras pelas quais as vidas inconsistentes dos cristãos prejudicaram a credibilidade da Igreja. Segundo, ame o seu próximo como a si mesmo. Terceiro, deixe as pessoas saberem que você é crente — não esconda isso. Quarto, certifique-se de não ser severo ou desajeitado em suas palavras (certifique-se de que é o evangelho que está ofendendo e não você). E por último, não tenha medo da perseguição. Jesus promete estar com você.

Como você desenvolveu sua convicção e interesse pela justiça?

Primeiro, quando comecei a ler a Bíblia de maneira intensiva, tentando lê-la repetidamente, comecei a notar a frequência com que a Escritura fala sobre justiça para a viúva e o órfão, para o imigrante e para o pobre. É incrível.

Segundo, quando preguei sobre a parábola do bom samaritano, tive que estudar a história em profundidade e percebi as implicações. Quando perguntam a Jesus “O que significa amar o próximo?”, ele conta a história de um homem que arrisca sua vida ao interromper sua viagem e, de maneira sacrificial, oferece ajuda física e material a um homem de outra raça e religião! Por fim, quando comecei a viver em Nova York, as necessidades dos pobres tornaram-se ainda mais visíveis para mim.

Dê-me um exemplo de quando você precisou tomar uma posição impopular, seja contra não cristãos ou contra crentes.

Acho importante entender como todo o empreendimento da Redeemer foi radical. Todo domingo que eu pregava, toda reunião que eu ensinava, tomava posições impopulares que iam na contramão do que pensavam os moradores do centro da cidade. Enfrentava oposição e hostilidade semanalmente — às vezes diariamente.

A Redeemer Presbyterian Church é uma igreja evangélica conservadora na Manhattan secular e liberal. Toda semana eu dizia às pessoas coisas que a maioria considerava absolutamente ultrajantes, se não perigosas — Jesus é o único caminho para a salvação; sem crer em Jesus você está perdido e vai para o inferno; a Bíblia é verdadeira em cada palavra e você deve se submeter a ela quer ela se encaixe ou não em suas opiniões; o sexo é somente para um homem e uma mulher no casamento; você deve ser radicalmente generoso com seu dinheiro e, se for próspero, deve adotar um estilo de vida modesto. E assim por diante!

Plantar a igreja e pregar publicamente as Escrituras de forma expositiva foi e é extraordinariamente conflituoso. Muitas vezes as pessoas vinham até mim após o culto e expressavam forte oposição. A maioria era civilizada, mas algumas pessoas ficavam muito iradas e até me xingavam. E algumas dessas pessoas estavam em lágrimas.

O que você vê como a maior ameaça para os cristãos modernos?

Nos Estados Unidos, acho que a segunda maior ameaça é uma nova ideologia progressista e secular que está dominando a academia, o governo, o mundo corporativo e a grande mídia. Essa ideologia é contra a liberdade de expressão e se opõe profundamente a que pessoas religiosas expressem ou pratiquem muitos aspectos de sua fé em público.

No entanto, a primeira e maior ameaça é o fracasso da própria igreja americana:

- › A igreja tradicional se casou com partidos políticos liberais, a igreja evangélica se casou com partidos políticos conservadores e agora somos vistos como nada além de um bloco de poder político.
- › Também tem havido numerosos exemplos flagrantes de hipocrisia em que muitos líderes proeminentes de igreja se acham culpados de várias formas de abuso e comportamento corrupto.
- › Em vez de admitir que a igreja americana participou da marginalização e exploração de vários povos no passado, um segmento vociferante da igreja evangélica moderna tem recusado a se arrepender e ouvir, e em vez disso tornou-se áspera e denunciadora em seu discurso.
- › A igreja tem falhado em cumprir a Grande Comissão em nosso tempo, uma vez que não descobriu uma maneira de evangelizar uma cultura secular pós-cristã. (Veja o artigo seminal de Lesslie Newbigin, “Can the West be converted?”)

Considerando o momento atual da nação e o momento em que você se encontra (partindo do pressuposto de que você nunca fora diagnosticado com câncer), se você fosse plantar a Redeemer hoje, seria muito diferente?

A doutrina seria a mesma (já que minha doutrina não mudou).

A “visão teológica” básica (um termo que explico em meu livro *Igreja centrada*) também seria a mesma, porque embora os Estados Unidos e a cultura

de Nova York tenham mudado um pouco, não houve de fato uma mudança de direção. Ela está se movendo hoje na mesma direção que estava em 1989. Assim, esses fatores relacionados à “visão teológica” permaneceriam os mesmos.

Isso quer dizer que a ênfase seria em:

- 1) reordenar os amores do coração com o evangelho;
- 2) amar a cidade em palavras e ações;
- 3) contextualizar e se engajar culturalmente sem comprometer o evangelho;
- 4) pregar para cristãos e não cristãos ao mesmo tempo porque acolhíamos os não crentes e esperávamos que eles estivessem conosco constantemente;
- 5) usar uma linguagem acessível, não uma conversa piedosa de alguém que está familiarizado com os termos ou uma conversa doutrinária técnica desnecessária;
- 6) quando não cristãos não estiverem presentes, falar sobre eles exatamente da mesma forma que falamos quando eles estão presentes;
- 7) concentrar-se nos temas centrais em vez de discutir constantemente sobre tópicos em que os cristãos divergem;
- 8) superar barreiras raciais e formar uma comunidade multiétnica amorosa;
- 9) amar o próximo por meio de obras de misericórdia e justiça;
- 10) pensar com os não crentes como Paulo fez em Atos 17 e 1Coríntios 1.22-23, com uma estratégia de “plenitude subversiva”, ou seja, mostrar aos não crentes que suas melhores aspirações são idólatras, mas que suas verdadeiras necessidades podem ser satisfeitas em Cristo;
- 11) combinar coisas que confundem as expectativas dos não cristãos, tais como:
 - falar a verdade *impopular*, mas fazê-lo com um *amor* paciente, gentil, aberto a críticas e de modo não coercitivo;
 - evangelismo vigoroso e ativo, mas também chamados à justiça;
 - forte contenção pela doutrina cristã histórica com abertura e ênfase nas artes;
 - uma crença na autoridade e inerrância das Escrituras, mas uma profunda apreciação e vontade de aprender com o pensamento não cristão (a prática da “graça comum”).
- 12) tanto no envolvimento profundo na igreja quanto na comunidade cristã, integrando fé e trabalho nos setores públicos da sociedade;
- 13) ter a “mesma mentalidade do movimento” e estar disposto a cooperar com outros cristãos ao invés de ser sectário e separatista;

14) praticar a liderança servidora e estar aberto a ideias e críticas em vez de exercer uma liderança coercitiva, abusiva e hierárquica.

Pelo menos uma coisa mudou desde 1989. Na época, a cultura secular foi dominada pela *psicologia*. Todas as pessoas estavam em programas de 12 passos e falavam sobre codependência, autoestima e outros assuntos terapêuticos. Hoje, a cultura secular é dominada pela *sociologia*. A ênfase no individualismo terapêutico ainda existe, mas foi um pouco suplantada pela identidade de grupo e por temas de poder e justiça.

O liberalismo mais antigo — com sua ênfase nos direitos individuais, liberdade de expressão e apoio à perspectiva da diversidade — está sendo suplantado por um secularismo muito mais antirreligioso que tem profunda desconfiança desses conceitos. Os cristãos agora podem esperar uma oposição mais aberta às suas crenças. Há outras coisas acontecendo em Nova York também — a demografia racial e de classe está mudando constantemente e precisa ser levada em consideração.

À luz dessas mudanças, o que *mudaria* seriam “modelos” de ministério. Isso se refere a *como* (não a *o que!*) você prega (quais questões abordar, quais temas e assuntos enfatizar, quais ilustrações usar, quais autores e autoridades citar), a como evangeliza (por meio de eventos e palestrantes ou mais por meio de amizades e processos individuais?), a como assimila e discipula novos membros, a como organiza as pessoas para o cuidado pastoral (por meio de pequenos grupos? Por meio de redes pastorais leigas?), a como catequiza as crianças, a como exerce a liderança etc.

Exemplos de mudanças de modelo: a pregação em Nova York terá que oferecer uma “plenitude subversiva” às preocupações culturais e aos anseios por justiça da mesma forma que há 30 anos abordou os anseios de autorrealização (e a pregação deve continuar a fazê-lo). A evangelização em Nova York requer mais ênfase em conversas individuais entre cristãos e não cristãos. A maioria dos não cristãos precisará estar em tal processo antes de poder ser levado a um culto cristão.

Você provavelmente não se lembra de tudo o que disse ou escreveu, mas há algo que queira mudar agora?

De certa forma, os tempos mudam e, portanto, se eu olhar para trás para as coisas que escrevi ou disse há 20, 30 ou 40 anos, tenho certeza que posso argumentar a

favor delas de maneira diferente ou expressá-las de maneira um pouco diferente — eu certamente poderia ilustrá-las de maneiras diferentes.

Mas quando se trata de posições sobre questões bíblicas e teológicas, tenho quase sempre a mesma posição desde que saí do seminário.

Sobre criação e evolução?

Acredito em uma “terra velha” e que Gênesis 1 é uma expressão poética do significado da criação, não uma receita; mas também acredito na criação especial de Adão e Eva como nossos ancestrais.

Sobre justiça social?

Acredito que Deus quer que os cristãos trabalhem contra o racismo e a pobreza e criem uma sociedade mais justa, mas eles devem fazer isso estando espalhados pelo mundo. A igreja *enquanto igreja* [em sua capacidade de igreja] deve evangelizar e depois discipular os cristãos para mudar o mundo, mas não deve, como instituição, aliar-se a organizações e partidos políticos específicos.

Sobre a obra do Espírito Santo?

Não sou carismático, mas também não sou anticarismático; não deixo de apreciar os pontos fortes do movimento.

Sobre sexualidade?

Acredito que o sexo é apenas para o casamento entre um homem e uma mulher. Sobre o aborto — acredito que aborto é tirar a vida humana e, portanto, um pecado e um grande mal.

Sobre o complementarismo?

Acredito que no casamento/lar e na Igreja os homens devem exercer a “liderança” e essa liderança é modelada de acordo com a definição de autoridade de Cristo, que é a autoridade para servir e morrer. A liderança servidora nunca deve ser usada como um poder para obrigar ou exercer autoridade para seus próprios interesses. Acredito que as mulheres não devem ser ministras e presbíteras ordenadas, mas podem ser diaconisas. Eu só uso o termo “complementarismo” entre aspas

porque Kathy e eu chegamos à nossa posição antes de essa palavra existir e porque muitas vezes as pessoas que usam o rótulo lançam muitas regras extrabíblicas sobre as mulheres (como não trabalhar fora de casa, ou apenas aceitar certos empregos etc.), algo que nunca aceitaríamos. Não mudamos nossas opiniões sobre esse assunto desde o seminário.

Aprecio mais profundamente a sabedoria e a verdade das confissões reformadas, especialmente os padrões de Westminster da minha denominação. Em várias questões confessionais — tais como a compreensão do funcionamento do “princípio regulador do culto” e a prática do Sabbath — não mudei minha posição desde que entrei na minha denominação.

Como eu disse acima, estou sempre revisando minhas anotações de ensino para que eu possa me expressar com mais clareza. Mas isso significa que eu mudaria *como* eu prego, não *o que* eu prego. Algumas pessoas dirão que tal falta de mudança ao longo de quatro décadas de ministério é ruim, mostrando falta de “crescimento”, e outras podem achar algo bom (eu acho bom). Vou deixar que os outros julguem.

Tenho ouvido muitos irmãos cristãos acusando você de ser liberal — tanto em termos teológicos quanto em termos políticos.

Devo começar lembrando que esses termos politicamente “liberal” e “conservador” são bastante imprecisos e subjetivos. Alguns anos atrás, interagi com um ministro da minha denominação que acreditava firmemente que nem as mulheres nem os homens solteiros deveriam poder votar nas eleições civis, mas apenas os chefes de família do sexo masculino. Ele acreditava que essa era a posição bíblica e foi uma das razões pelas quais ele acabou deixando a denominação, dizendo que 99% de seus ministros eram horrivelmente “liberais”.

Outro líder cristão com quem conversei me disse que o dinheiro dos impostos não deveria servir para nada a não ser apoiar a polícia e os militares. Todas as outras coisas deveriam ser feitas pela iniciativa privada, não pelo governo. Ele baseou essa ideia no que ele achava ser a interpretação correta de Romanos 13. Ele acreditava que qualquer nível de tributação além desse nível extremamente baixo era uma forma de socialismo. Quando eu disse que achava que os impostos também poderiam ir para a construção de pontes e estradas, ele me chamou de liberal. Mais uma vez, comparado a ele, eu era menos conservador no espectro político.

E quanto ao termo *politicamente liberal*?

Considerando a maneira como esse termo tem sido usado pela grande maioria das pessoas nas últimas décadas, não sou politicamente liberal. Não sou partidário de uma economia altamente centralizada e controlada pelo governo ou de impostos ao nível dos países socialistas europeus. Eu sou pró-vida. Sou, claro, um grande defensor da liberdade religiosa, um termo que a esquerda agora coloca entre aspas assustadoras e um conceito a que se opõe. Os liberais políticos não me consideram politicamente liberal.

Então, por que algumas pessoas me chamam de liberal político?

A primeira razão é que, em um ambiente altamente polarizado politicamente, qualquer um que não esteja lhe apoiando de maneira ruidosa e explícita é agora visto como uma pessoa que apoia o outro lado. Durante a última eleição eu simplesmente disse que, como ministro, eu não poderia fazer imposições à consciência dos cristãos (veja a Confissão de Westminster Capítulo 20) e dizer-lhes como votar. Isso irritou muitos conservadores que acreditavam que qualquer esforço para ser “apolítico” realmente significava estar do lado liberal.

A segunda razão é porque muitas vezes prego o que a Bíblia ensina sobre como os cristãos devem trabalhar e apoiar intensamente os pobres e necessitados. Mesmo que eu simplesmente exponha as Escrituras e não diga nada sobre governo ou tributação, muitas pessoas acreditam que tal ênfase levará a impostos mais altos e a um governo maior e, portanto, isso é ser “liberal”. Mas é claro que isso não é verdade. Dizer que os cristãos devem estar profundamente preocupados com as necessidades dos pobres não é falar de diretrizes políticas, mas simplesmente apresentar uma verdade bíblica.

Terceiro, muitos acreditam que, se não tenho uma atitude denunciadora e hostil contra os liberais é porque eu mesmo sou liberal, o que não é verdade. Jesus nos chamou para “saudar” publicamente e desejar paz não apenas aos nossos irmãos na fé, mas a todos (Mateus 5:43-48). Recentemente, no Twitter, parabenizei um ateu (Greg Epstein) por ter sido selecionado como capelão-chefe em Harvard. Tenho debatido publicamente os pontos de vista de Epstein e já me opus às suas crenças ateístas. No entanto, ele também foi amigável comigo e é uma pessoa que, diferente de alguns capelões-chefes de Harvard do passado, Epstein é, segundo aqueles que convivem com ele, mais justo e aberto à ideia de permitir que todos os capelões — incluindo os evangélicos — realizem seus ministérios. Mesmo

assim, muitas pessoas nas redes sociais expressaram sua convicção de que, se você demonstra cordialidade com ateus e liberais é porque deve ser pelo menos um liberal que ainda não saiu do armário. Isso não é verdade.

E quanto à acusação de ser teologicamente liberal?

Devo confessar que fico bastante perplexo com isso. Sou membro da Igreja Presbiteriana na América, que é doutrinariamente bastante conservadora, e estou satisfeito com suas posições teológicas, com a única exceção de que preferiria que as mulheres pudessem ser ordenadas diaconisas. Não acho que isso me torne teologicamente liberal em qualquer sentido que esse termo tem sido usado pela maioria das pessoas nas últimas décadas. Meu melhor palpite é que algumas pessoas pensam que minha ênfase na justiça e preocupação com os pobres significa que eu, de alguma forma, deva ser liberal no sentido político e teológico, apesar de minhas crenças doutrinárias ortodoxas e minha profissão de fé.

Mais uma vez, esses são meus melhores palpites, então é possível que eu não esteja enxergando o cenário como um todo. De modo geral, porém, não vejo problemas em confundir as pessoas quanto ao fato de eu ser liberal ou conservador aos seus olhos. Se um cristão está vivendo em obediência às Escrituras, ele ou ela não se encaixará em uma ideologia política binária ou em um partido. Acabei aceitando essa confusão.

Também ouvi pessoas dizerem que você endossou a teoria crítica da raça e se tornou muito orientado para a “justiça social”.

Já falei sobre a questão da justiça social em outras questões acima. Eu apenas exponho o que a Bíblia diz sobre justiça — e ela diz muito. Eu apenas acrescentaria aqui o temor que algumas pessoas têm de a ênfase na justiça social levar a uma perda de preocupação com o evangelismo. Qualquer pessoa que conheça alguma coisa sobre a Redeemer ou sobre o meu ministério sabe que isso nunca aconteceu. Sou essencialmente um evangelista em meu chamado.

Quanto à afirmação de que endossei a teoria crítica da raça (TCR), escrevi uma crítica sobre a teoria com a qual muitas pessoas simpatizantes da TCR não concordaram.

Em segundo lugar, muitas pessoas não sabem o que realmente é a teoria crítica da raça. Alguns possuem uma definição funcional da TCR como sendo “falar

muito sobre racismo”. A Bíblia em muitos lugares aborda o pecado da “acepção de pessoas” com base em sua classe, etnia, nacionalidade, sexo, idade ou qualquer outro *status* social. Portanto, tenho abordado o racismo a partir da Bíblia desde que comecei meu ministério em meados dos anos 1970. A maioria das pessoas atribui a teoria crítica da raça ao trabalho de Derrick Bell e outros, tendo início em meados da década de 1990. Isso significa que meu ensino sobre o pecado do racismo é anterior à TCR.

No entanto, acredito no que a Bíblia ensina (e também no que a igreja negra americana nos diz há décadas), ou seja, que existe algo como “racismo sistêmico” ou “institucional”. Isso significa que existem estruturas sociais que prejudicam certos grupos ou classes de pessoas, mesmo quando quase todos os que trabalham dentro da estrutura não são racistas de maneira pessoal e individual (ou sexistas etc.) em suas crenças e atitudes.

Há muitas pessoas que insistem que qualquer um que acredite no racismo sistêmico é automaticamente um proponente da teoria crítica da raça. Isso não é verdade. Em um artigo sobre o assunto mostro que o conceito é ensinado nas Escrituras.

Muitos pastores estão enfrentando dificuldades, principalmente após as várias mudanças durante a pandemia. As pessoas estão deixando as igrejas por causa das restrições da pandemia, eleições, injustiça racial, diferenças políticas etc. Muitos pastores estão deixando o ministério. Você já lidou com algo assim durante o seu ministério ou isso é algo específico para o nosso tempo atual? Como você navegou nas águas capciosas da política/ideologia?

Eu diria que a cultura está definitivamente mais polarizada do que nunca. Nunca vi nas igrejas do passado o tipo de conflito que temos nas igrejas de hoje. Em praticamente todas as igrejas há um corpo menor ou maior de cristãos que foram radicalizados para a esquerda ou para a direita por redes sociais, feeds de notícias e comunidades extremamente eficazes e completamente imersivas. As pessoas são bombardeadas 12 horas por dia com opiniões que apresentam um determinado ponto de vista político e a principal forma de persuadir não é por meio da discussão, mas da revolta. As pessoas estão sendo formadas por essa maneira imersiva de discurso público — muito mais do que estão sendo formadas pela Igreja. Isso está criando uma crise. Não, eu não enfrentei nada assim no passado.

No entanto, a maneira de navegar nessas águas é ainda seguindo a prescrição do livro de Provérbios para nossas palavras. Elas devem ser honestas, poucas, extremamente bem elaboradas, geralmente calmas, sempre voltadas à edificação (mesmo quando forem críticas) e devem ser acompanhadas de muita escuta silenciosa.

Muitos pastores mais jovens que são plantadores de igrejas respeitam e admiram você. Muitos deles acreditam que suas igrejas podem alcançar o crescimento e o reconhecimento que a Redeemer tem hoje. Mas isso não vai acontecer com todos. Que palavra você daria a eles?

Não há problema em querer ver crescimento espiritual e numérico em sua igreja. Todos devem desejar que as pessoas cheguem à fé e cresçam em Cristo e, se isso acontecer, o crescimento da igreja acontecerá. (Em outras palavras: podemos fazer uma igreja crescer numericamente sem que o Espírito Santo transforme vidas, mas se o Espírito Santo está transformando vidas, normalmente veremos pelo menos algum crescimento na igreja.)

Contudo, desejar um crescimento significativo da igreja como um fim em si mesmo para obter (como você diz) “reconhecimento” é espiritualmente letal. O que devemos desejar é a fidelidade ao nosso chamado. Ponto final. Se, além disso, você obtiver reconhecimento, ore a Deus para que isso não o prejudique. John Flavel argumenta em *Keeping the heart* que a segunda situação espiritualmente mais perigosa para se estar é a “adversidade”, mas a primeira e maior situação espiritualmente perigosa para se estar é a “prosperidade”. Para citar Jeremias 45.5 (na versão KJV), “Procuras grandes coisas para ti mesmo? Não as procure.”

Se você não busca o sucesso, mas, sim, a fidelidade e a produtividade, se o sucesso vier, é menos provável que isso o prejudique, enchendo-o de orgulho e levando-o a usar o poder de maneira egoísta e coercitiva. Em retrospecto, Kathy e eu sentimos que fomos um pouco protegidos por Deus das tentações do sucesso porque (a) não o esperávamos — nunca quisemos ou esperamos uma igreja grande, e (b) o sucesso veio em grande parte quando eu estava mais velho. Eu tinha quase 50 anos quando a igreja se tornou grande e conhecida, e (c) eu tinha quase 60 anos quando comecei a escrever livros. É muito mais difícil lidar com o sucesso sendo um jovem adulto do que sendo um adulto mais velho. (d) Por fim, apesar

do que se possa considerar como “sucesso”, qualquer líder de ministério pode lhe dizer que ainda há mágoas, perdas e lutas que vêm com a liderança, a fim de que as realidades da responsabilidade continuem a humilhá-lo.

Li que Kathy Keller desempenhou um papel imensurável em sua vida e ministério. Poderia dar um exemplo?

“Imensurável” é a palavra certa. Quando ainda éramos apenas amigos no Gordon-Conwell Seminary, nem mesmo estávamos “namorando”, Kathy era de longe a pessoa mais instrumental que me ajudou a enxergar a verdade da teologia reformada. Ela mesma era uma cristã reformada convicta, mas seus argumentos para isso eram extremamente acessíveis, de bom senso e práticos. Vi como os temas teológicos reformados estavam se desenrolando em sua vida e perspectiva e gostei. Eu fui para o seminário não gostando do calvinismo, mas no final do meu primeiro ano eu o adotei completamente.

E na Redeemer?

Primeiro ela foi a diretora não-oficial (e depois oficial) de comunicações. Se você estivesse na equipe da Redeemer, teria se acostumado com a seguinte frase: “Fale como se as paredes tivessem ouvidos”. Isso significava que em todos os momentos os cristãos deveriam considerar o que diziam sobre sua fé ou a maneira como descreviam os não crentes como se estivessem sendo ouvidos por um não crente. “O que o incrédulo concluiria sobre Jesus ou os cristãos se ouvisse o que você disse?” Isso foi determinante não apenas para nos distanciarmos de conversas internas e jargões cristãos, mas também nos lembrou que deveríamos esperar que não crentes estivessem presentes no culto, em pequenos grupos e em todos e quaisquer eventos que a igreja realizasse.

Olhando para trás, quais foram seus maiores desafios como pastor? Alguma vez você sentiu vontade de desistir do ministério?

Em maio de cada ano eu estava exausto, cansado, e brincava com a ideia de fazer outra coisa (algo que acho que muitos outros pastores também fazem), mas nunca considerei isso seriamente. A certa altura, quando minha esposa Kathy estava muito doente, pelo menos pensei em voltar a ensinar no seminário. Mas mesmo assim eu não acho que ela teria me deixado fazer isso.

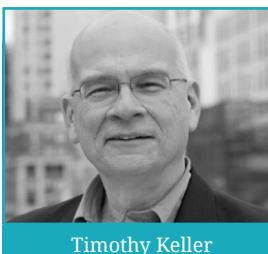
Muitas pessoas o conhecem pessoalmente como Tim Keller, um homem. Muito mais pessoas não o conhecem pessoalmente e o conhecem como Tim Keller, o pastor e teólogo. Como você gostaria que as pessoas que não o conhecem pessoalmente se lembressem de você, muito depois de você ter partido?

Quero que meus filhos e netos se lembrem das coisas que tentei ensiná-los com palavras e exemplos. Quero que meus livros continuem a ser lidos porque eu deliberadamente procurei apresentar ensinamentos bíblicos que achei que teriam relevância permanente. Mas, fora isso, não acho que seja meu trabalho me preocuar com meu “legado”.

Tradução: Jonathan Silveira.

Textos originais: [Pastoring the City](#) e [Handling a Hostile Culture](#).

Esta entrevista foi originalmente publicada em duas partes nas edições de 25 de dezembro de 2021 e 15 de janeiro de 2022 da WORLD Magazine e elas foram aqui reunidas em um único texto. Reimpresso com permissão. Copyright © 2022 WORLD News Group. Todos os direitos reservados. Para ler mais jornalismo bíblicamente objetivo que informa, educa e inspira, visite wng.org.



Timothy Keller

Sobre o autor

Nasceu e cresceu no estado americano da Pennsylvania. Estudou em instituições como Bucknell University, Gordon-Conwell Theological Seminary e Westminster Theological Seminary. A princípio, foi pastor na cidade de Hopewell, na Virgínia. Em 1989, iniciou a Redeemer Presbyterian Church, em Manhattan, com sua esposa, Kathy, e seus três filhos. Hoje, a igreja tem uma frequência de mais de cinco mil membros aos domingos e já ajudou a plantar cerca de duzentas igrejas ao redor do mundo. Keller é um autor prolífico. Entre outros livros, escreveu: *A cruz do rei*, *O significado do casamento* e *Justiça generosa*, todos publicados por Edições Vida Nova.